



O SUPLEMENTO LITERÁRIO DO DIÁRIO DE S. PAULO

Juliana Neves Simões Gomes

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O Suplemento Literário do *Diário de S. Paulo* foi publicado aos domingos durante um período de dois anos, entre 24 de novembro de 1946 e 28 de novembro de 1948. De acordo com a história que foi possível resgatar Chateaubriand tomou a iniciativa de publicar um jornal cultural em um de seus veículos da imprensa paulista e confiou esta tarefa ao então repórter do *Diário da Noite* e crítico de arte Geraldo Ferraz.

Ferraz era jornalista de bastante experiência, já tinha trabalhado em muitos jornais de Chateaubriand e além disso, desde 1928, começou a atuar como crítico de arte. Já havia também participado de alguns empreendimentos relativos a elaboração de páginas e revistas culturais. O primeiro deles ocorreu, em 1929, quando o repórter foi convidado por Oswald de Andrade e Raul Bopp para fazer a parte gráfica da *Revista de Antropofagia (segunda dentição)*, publicada no recém fundado *Diário de S. Paulo*.¹

Posteriormente, em parceria com seus colegas do *Diário da Noite* de São Paulo Geraldo Ferraz fundou um semanário de política e cultura, que tinha como objetivo central esclarecer questões acerca do nazismo, do fascismo e da linha nacionalista de Plínio Salgado. Além disso, os seus colaboradores escreviam a respeito de temas culturais. Entre eles, Mário Pedrosa assinava, com o pseudônimo Alpheu Paraná, uma coluna sobre cinema; Fernando Mendes de Almeida era responsável pelos assuntos de música; Ferraz fazia noticiários de artes plásticas. *O Homem Livre*, título do periódico, começou a transitar uma vez por semana nas bancas, a partir de 27 de maio de 1933, e durou cerca de um ano. Já por volta de 1938, Ferraz foi trabalhar para a *Tribuna* de Santos, cidade onde, com o jornalista Francisco Azevedo, elaborou uma revista cultural a qual deu o nome de *Mar*. O projeto, contudo, malogrou no terceiro número por falta de recursos e em função da limitada vida intelectual da cidade. No entanto, participaram das poucas publicações da revista nomes importantes do

¹ O lançamento do *Diário de S. Paulo*, primeiro matutino dos *Associados*, se deu, em 5 de janeiro de 1929. O primeiro número da *Revista de Antropofagia (2ª dentição)*, foi publicada em uma página deste jornal, em 17 de março de 1929.



meio literário e artístico daquele momento como Carlos Drummond de Andrade, Gilka Machado, Guilherme de Almeida, Lívio Abramo, Luiz Martins, Mário Donato, Miroel Silveira, Oswald de Andrade Filho, Rubem Braga, Tarsila do Amaral.

Em meados de 45, Geraldo Ferraz esteve envolvido com uma outra iniciativa ligada à imprensa cultural, desta vez no Rio de Janeiro, colaborando em um suplemento de letras e de artes dirigido por Vinícius de Moraes e publicado em *O Jornal*. Nessas páginas culturais ele lançou uma série de biografias com a intenção de esclarecer quem eram os grandes artistas brasileiros contemporâneos, a começar por Portinari, passando por Burle Marx, Oswaldo Goeldi, Guignard, etc...

Quando retornou à São Paulo e aos *Associados* desta cidade, depois de uma temporada de mais de quatro anos no Rio de Janeiro, Ferraz foi convidado por Chateaubriand para dirigir um suplemento literário que seria publicado no *Diário de S. Paulo*. O projeto desse empreendimento foi elaborado pelo repórter e pela sua companheira Patrícia Galvão.

Aparentemente Chateaubriand não dava muita importância às questões relativas a cultura, em razão de estar mais ligado aos acontecimentos políticos e econômicos. No entanto, se, por um lado, ele atuava com vigor no ambiente político e dava grande atenção ao que se passava na economia, por outro, foi ele um dos grandes empresários que incentivaram o desenvolvimento da vida cultural de São Paulo. Exemplo disso, foram os significativos investimentos feitos pelo magnata nesta área. Entre eles, a fundação de um dos primeiros museus de arte de São Paulo, o Masp.

Boa parte das iniciativas culturais de Chateaubriand situaram-se em uma época muito dinâmica e contribuíram para o ambiente intelectual e artístico da cidade que, apesar de concentrar boa parte do dinheiro do país e de ter passado por um significativo processo de crescimento, ainda tinha alguns aspectos provincianos. Além disso, elas também tiveram o papel de garantir à Chatô destaque e êxito nos meios culturais paulistas.

Diante dessas questões é preciso atentar para o cenário cultural que a cidade apresentava e às perspectivas pessoais de Chateaubriand no momento em que resolveu investir em um jornal artístico e literário para São Paulo. O Suplemento começou a ser publicado praticamente um ano antes da fundação do Masp e, além disso, é indispensável ressaltar que ele realizou intensa cobertura não só do que diz respeito a própria idéia de museu, ou seja, de



sua importância como empreendimento, sua função educativa, seu caráter formador, como também das exposições que lá foram realizadas, até o término do periódico.

Ainda no que tange às razões que estão na origem do Suplemento é preciso levar em conta o fato de ele apresentar-se como mais uma experiência cultural, organizada por um representante da vanguarda paulista, divulgada pelo *Diário de S. Paulo*. Este mesmo jornal já havia, anos antes, aberto espaço em suas páginas para viabilizar a *Revista de Antropofagia (segunda dentição)*. A publicação de um Suplemento com características inovadoras não só era bem vinda na imprensa de Chatô como sintonizava-se com o ambiente daquela época.

O Suplemento pode também ser considerado expressão da nova fase de iniciativas culturais da cidade. Diante da modernização que transformou de modo significativo a dinâmica urbana de São Paulo houve uma crescente evolução do campo artístico e intelectual que ampliou de maneira relevante as manifestações dessas áreas. Nos idos de 40, a paulicéia já contava com uma vida cultural agitada na qual atuaram diferentes correntes de artistas e literatos ávidos pelo reconhecimento de suas idéias e pela divulgação de seus trabalhos.

Entre as áreas culturais que se expandiram nesta época, o campo literário teve um grande realce no processo de desenvolvimento da cultura contemporânea da cidade. O crescimento da imprensa, a crítica literária, o nascimento de um novo tipo de intelectual, a criação de novos estilos literários formou um círculo que passou a tecer novas redes de relações no cenário paulista.

Hoje em dia a imprensa reserva aos assuntos culturais um espaço privilegiado. Os temas de arte, literatura, música, teatro, entre outros, são organizados e publicados em cadernos individuais que acompanham o conjunto de títulos que dão corpo ao jornal como, por exemplo, a *Ilustrada* da *Folha de S. Paulo* e o *Caderno 2* de *O Estado de S. Paulo*. Diariamente, o leitor pode ser informado, do que se passa na cidade ou em outros cantos do mundo, a respeito de novas publicações de livros ou traduções de autores diversos, de peças de teatro que estão em cartaz, de estréias de filmes, das mostras de cinema, da realização de exposições, de discussões sobre televisão. Os artigos, as resenhas e as críticas são divulgadas, nos grandes jornais da cidade, para comodidade do assinante ou do “leitor de banca”.



Além disso, o desenvolvimento da imprensa e o significativo aumento e variedade de produções e programas artísticos, literários e gastronômicos desenvolveram anexos que complementam a parte cultural do jornal. Exemplo disso são algumas iniciativas da *Folha de S. Paulo*: O caderno *Mais!*, publicado aos domingos, tem um padrão semelhante a uma revista e é caracterizado por uma vasta cobertura de temas relativos a arte, literatura e curiosidades. Há, também, um encarte que leva o título de *Jornal de Resenhas*, que sai um sábado por mês, que tem como principal objetivo apresentar a produção acadêmica. Além disso, existe um pequeno caderno, oferecido na sexta-feira, que propõe dicas de lazer para o final de semana.²

Para compreender o crescimento da imprensa cultural paulista é preciso associá-lo ao processo de desenvolvimento artístico e literário da cidade. A dimensão que os assuntos culturais alcançam nos jornais de hoje faz parte de uma longa trajetória que envolve a modernização da imprensa e de vários outros meios de comunicação, a metropolização da cidade e, conseqüentemente, a presença de uma vida cultural cada vez mais intensa.

Em meados dos anos 40, quando começou a ser publicado o Suplemento do *Diário de S. Paulo*, dirigido e organizado por Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão, as coisas eram bem diferentes. Se, de um lado, a vida artística e literária se alargava a olhos vistos, de outro, ela ainda era tímida, se comparada às mudanças que ocorreram na década seguinte que fizeram de São Paulo um atrativo centro cultural.

Nessa época, a imprensa da cidade possuía algumas limitações. Apesar de já existirem espaços que estimulavam os debates de artes e letras no cenário paulistano como, por exemplo, a significativa variedade de revistas organizadas por intelectuais, os rodapés críticos e páginas literárias, a promoção dessas temáticas, no que tange aos jornais, ainda era vista como iniciativa inovadora. Isso porque, ampliá-las dentro dos impressos implicava em alterar os padrões convencionais desses veículos, tanto no que diz respeito à própria diagramação e às prioridades de títulos, como também por tratar de assuntos considerados não tão importantes por uma maioria conservadora, que representava boa parte da sociedade de São Paulo.

² O jornal *O Estado de S. Paulo* publica diariamente o *Caderno 2* e aos domingos o *Caderno Cultura*. De um modo geral, outras publicações voltadas para temas culturais tendem a se repetir nos jornais de grandes centros urbanos brasileiros.



A propósito do aniversário de um ano das páginas culturais de Ferraz e Pagu o intelectual paulista Carlos Pinto Alves comenta o Suplemento em uma nota comemorativa. Segundo ele, “é quase um milagre nessa provincial São Paulo, heroicamente comentar e traduzir – dando na boca de cada um - tudo o que há de melhor e de mais moderno, na literatura moderna universal. Não é fácil empresa colocar a literatura do século XX, tão personalista e tão cheia de labirintos, ao alcance do leitor domingueiro dos jornais”. Já Almeida Salles, que também pronunciou-se na ocasião, fez o seguinte diagnóstico: “não tínhamos um suplemento literário em nossos jornais, enquanto o Rio melhorava os seus com o Letras e Artes de ‘A Manhã’, o do ‘O Jornal’, o do ‘Diário Carioca’, o do ‘Correio da Manhã’. Os organizadores desse suplemento criaram, entretanto, um jornal literário a altura das exigências da vida artística e cultural de São Paulo.”³

O Suplemento de Pagu e Ferraz foi um importante periódico de letras e de arte publicado dentro dos grandes jornais paulistas, na década de 40. Nesta época, os principais impressos da cidade eram *O Estado de S. Paulo*, *Os Diários* de Chateaubriand e as *Folhas*. Entre eles, *O Estado de S. Paulo* dominava tranqüilamente o primeiro lugar de vendagem, apesar de ter sido tomado pelo governo, em razão da família Mesquita ter enfrentado a ditadura de Vargas, em março de 1940, e devolvido aos donos somente em dezembro de 1945.

No que diz respeito ao desenvolvimento da imprensa cultural paulista, *O Estado de S. Paulo* sobressaiu-se posteriormente quando publicou, em 1956, um dos mais importantes suplementos literários de São Paulo. Antes disso, nos anos 20, este jornal publicava duas páginas de rotogravura que, entre outras coisas, abordavam temas culturais. Depois dessa experiência passou a publicar, em 1929, um suplemento mensal que tratava dos principais fatos políticos e sociais da época. Cabe salientar que a contribuição mais significativa que a família Mesquita proporcionou nesse âmbito, em meados de 1940, foi o patrocínio da edição da revista *Clima* de 1941 a 1944.

Nesse período, além desse veículo outras publicações do gênero surgiram em São Paulo, tais como a *Revista Brasileira de Poesia* organizada, em 1945, pelo grupo de poetas representantes da “geração de 45”. Já por volta de 1947, Edgar Carone, Lólio Lourenço de Oliveira e Dante Moreira Leite criaram a *Paralelos*, e Miroel Silveira a *Planalto*. No final dos

³ Suplemento Literário do *Diário de S. Paulo*, 23 de novembro de 1947.



anos 40, surgiu também a *Fundamentos* dirigida por Monteiro Lobato que contou com a colaboração de Caio Prado Junior, Astrogildo Pereira, Graciliano Ramos, Candido Portinari, entre outros. Mas nessas três últimas revistas os assuntos culturais e literários diluíam-se em um pauta mais ampla.

Outra coisa relativa à evolução da imprensa cultural foi o aumento expressivo de rodapés críticos e uma relevante melhora de sua qualidade. Exemplo disso, foram as mudanças que ocorreram na *Folha da Manhã*. Em 1943, esse veículo tentou inovar o seu jornalismo. A responsabilidade de transformar o perfil do jornal foi confiada ao superintendente Jorge Martins Rodrigues e ao secretário de redação Hermínio Sachetta.

Os dois jornalistas, dotados de uma mentalidade avançada, desejavam fazer rodapés críticos e para tanto arriscaram chamar alguns dos jovens recém formados da Faculdade de Filosofia da USP. Para escrever a respeito de artes plásticas convidaram Lorival Gomes Machado, que por sua vez indicou o colega Antonio Candido para a crítica literária. Otaviano Alves de Lima, dono do jornal, completou a equipe com seu amigo Guilherme de Almeida, na crônica diária, que sugeriu o nome de Mário de Andrade. Este último passou a realizar toda semana o rodapé musical que, segundo Antonio Candido, foi “coisa inédita no Brasil”. Depois de um tempo, Florestam Fernandes tornou-se também colaborador.

No que tange aos jornais da cidade, junto desta iniciativa da *Folha*, o Suplemento do *Diário de S. Paulo* apresentou-se como um dos esforços de modernização da imprensa artística e literária de São Paulo.

Nesse sentido, cabe salientar que esse periódico apresenta-se como uma interessante experiência da imprensa paulista, na medida em que revela alguns aspectos de seu processo evolutivo. No âmbito cultural, ele pode ser considerado uma expressiva manifestação no contexto em que foi publicado devido não só a sua qualidade como também ao significativo espaço que ocupou no jornal.

Quem dirigia e organizava o Suplemento eram Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão. No entanto, em torno deles havia alguns colaboradores que acompanharam a publicação de modo regular. A participação freqüente destes integrantes formou, em certa medida, um grupo de trabalho, constituído por Cândido Mota Filho, Fernando Mendes de Almeida, Guilherme de Almeida, Marcello Grassmann e René de Castro. Outros intelectuais e artistas participaram também do empreendimento de Ferraz e Pagu, só que de modo esporádico.



A maneira como o casal compôs o grupo de colaboradores freqüentes pode ser concebida pela reunião de nomes que se relacionam com o passado e a inovação. Existe no periódico a presença de personalidades como Guilherme de Almeida e Cândido Mota Filho, ligadas a um acontecimento marcante da história cultural paulista – A Semana de Arte Moderna – que garante certa legitimidade à essas páginas. Outra coisa são os próprios organizadores e Fernando Mendes de Almeida que representam a vanguarda. Além disso, Geraldo Ferraz faz também a ponte com o novo, na medida em que convidou para ilustrar o Suplemento, o jovem artista Marcello Grassmann.

Diante desta configuração, é importante notar que, embora, a primeira vista, o Suplemento não apresente características de um manifesto, de um panfleto ou de um veículo literário com fins de lançar publicamente idéias e protestos de um determinado grupo cultural, ele expressa, em parte, os pensamentos e as posições intelectuais de uma determinada geração. Dos sete membros que atuaram com regularidade no periódico apenas dois não haviam participado do modernismo de São Paulo. Boa parte deles, ainda que em épocas e correntes diferentes, contribuíram, uns com mais intensidade outros com menos, para o movimento.

Nesse sentido é preciso lembrar que Guilherme de Almeida e Cândido Mota Filho haviam participado da Semana de 22 e situavam-se na ala conservadora do movimento, e que Pagu, Ferraz e Fernando Mendes de Almeida eram da corrente mais radical que representava a antropofagia em sua segunda fase.

É curioso que, em 1946, ano em que começou a ser publicado o Suplemento, o “grupo de trabalho” do periódico tenha sido composto, principalmente, por representantes de segmentos diferentes do modernismo paulista. Primeiramente, porque tanto as idéias propagadas no movimento de 22 como a linha revolucionária originária de Oswald de Andrade já haviam sido amainadas há algum tempo.

No que diz respeito a São Paulo, a importante transformação cultural que ocorreu, sobretudo, na década trinta, já demonstrava resultado significativo, nos anos 40. No âmbito literário estas mudanças foram representadas, principalmente, pela atuação de novos poetas, literatos e intelectuais como, por exemplo, os rapazes que formaram-se nas primeiras turmas da Faculdade de Letras Filosofia e Ciências Humanas que apresentaram uma maneira



diferente de conceber o trabalho intelectual e a “geração de 45” que propunha uma nova estética para a poesia baseada em uma retomada de formas e técnicas do passado.

Diante da nova fisionomia da atmosfera cultural paulista e dos segmentos literários que se integravam a ela, porque será que Geraldo Ferraz chamou para trabalhar no periódico os remanescentes do modernismo de 22? Em relação a isso algumas hipóteses podem ser levantadas.

Talvez, apesar do crescimento da cidade e da conseqüente evolução das tendências literárias e artísticas, o campo ainda fosse restrito. Nesse sentido, pode ser que houvesse poucas alternativas, levando em consideração o fato de que os intelectuais que surgiam ainda eram muito jovens, quanto a um nome de relevo para integrar na equipe de colaboradores do Suplemento. Isso pode ter sido uma das razões pelas quais Geraldo Ferraz tenha convidado Guilherme de Almeida e Candido Mota Filho, que já eram personalidades consagradas pelo modernismo de 22 em São Paulo, para dar credibilidade à seu empreendimento.

Uma outra coisa, é que o fato das idéias e das propostas ligadas ao modernismo paulista estarem perdendo terreno diante das novidades que apareciam, não quer dizer que estivessem excluídas do plano cultural da cidade. Fora isso, as novas correntes literárias e artísticas e a evolução deste campo fazem parte de um processo de desenvolvimento que se deve, em grande medida, às manifestações e iniciativas do passado. Sem contar que, por este tempo, boa parte dos participantes do movimento ainda encontravam-se vivos.

Não é possível dizer que o Suplemento seja o resultado de um projeto comum, do “grupo de trabalho”, com o objetivo de defender a importância do modernismo paulista. Contudo, uma de suas características é a defesa, divulgada por meio de alguns artigos, de sua legitimidade, frente as novas gerações, e de seu significado.

A proposta de Geraldo Ferraz para o Suplemento Literário do *Diário de S. Paulo* procurou realizar-se, por meio de um plano de trabalho baseado na divulgação literária, artística e cultural voltada para a revisão de idéias, presentes na metade do século XX, nos diferentes planos da atividade intelectual. Diante de novas discussões acerca da arte e da literatura o jornalista pretendia causar o que ele chamou de “turbulência mental” e buscar, principalmente, no incentivo literário a possibilidade de progresso cultural.



Diante desta perspectiva Ferraz procurou inovar, dando uma feição ao Suplemento diferente da apresentada na atividade da imprensa de então. Essa oportunidade, que implicava em incentivar o debate cultural na cidade, pode ter levado o jornalista a optar por uma linha de trabalho dirigida para a realização de um periódico “sério” que não se perdesse em assuntos vulgares ou aleatórios.

Ao mesmo tempo que Ferraz tinha a intenção de priorizar a transmissão de uma informação de “nível”, ele também preocupava-se em atender as necessidades de um público mais amplo. Segundo ele, por meio das páginas culturais “tentávamos alfabetizar, literariamente, a Paulicéia, utilizando um veículo de grande penetração, como era o jornal, aos domingos, em que os leitores procuravam conhecer o que havia de novo, além do ramerrão noticioso.”⁴ Esta perspectiva marcou de modo significativo o Suplemento. Em função dela o periódico apresenta um forte aspecto informativo em seu conteúdo.

O Suplemento Literário do *Diário de S. Paulo* apresenta-se como uma experiência bem sucedida no período em que foi publicado. Contudo, ele é, atualmente, pouco comentado e quase desconhecido dos meios culturais paulistas. Diante disso, algumas hipóteses podem ser levantadas.

No que diz respeito a esse assunto Augusto de Campos não crê que “se possa falar numa ‘obscuridade’ do periódico, pois foi muito lido em seu momento pelos interessados em literatura, que nunca foram muitos. Simplesmente jornais são jornais e suas páginas se dispersam com o passar do tempo.”⁵ Quanto a isso, cabe ficar atento ao fato de que os *Associados* de São Paulo, de Chateaubriand, tiveram vida curta se comparado a outros jornais que até hoje são publicados.

Diferente da *Folha da Manhã* que, como *Folha de S. Paulo*, tornou-se um dos principais órgãos da imprensa do país e de *O Estado de S. Paulo*, propriedade da família Mesquita desde os primeiros anos da república, o *Diário de S. Paulo* circulou de janeiro de 1929 até meados de 1980. Com o fim de um jornal diminui de modo significativo a possibilidade de sua história ser reproduzida. Já os órgãos que permanecem abertos têm maior

⁴ Geraldo Ferraz. *Depois de Tudo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983; p. 134.

⁵ Entrevista concedida por Augusto de Campos, em fevereiro de 2003.

facilidade para remeter a sua história ao público, pela razão de que estão presentes e têm recursos para se auto-promoverem ou para resgatarem a sua própria memória.

Cabe notar também a posição dos jornais de Chateaubriand no campo jornalístico. A lógica da imprensa de Chatô é caracterizada pela sua proximidade com o pólo comercial, ou seja, é mais vulnerável à sedução econômica e política e, portanto, está mais distante do pólo intelectual e dos jornalistas que defendem os valores de sua profissão.

Além das questões que envolvem o *Diário de S. Paulo* e a imprensa de Chateaubriand, há outras razões que podem explicar a pouca memória que se tem das páginas de Pagu e Geraldo. Uma delas foi a importância e o impacto causado pelo Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* (1956-67) dirigido por Décio de Almeida Prado e cujo projeto foi elaborado por Antonio Candido. Uma outra coisa é o fato de o Suplemento do *Diário* ter sido uma experiência sem nome. Isto é, a ausência da denominação *Suplemento Literário* em seu cabeçalho contribuiu para o seu esquecimento na medida em que não proporcionou uma referência ou identificação para que ele pudesse ser lembrado.

E por fim, a situação de Pagu e Ferraz no campo cultural paulista pode também estar associada ao fato de o Suplemento ser pouco mencionado. Apesar de o casal ter colaborado e incentivado de modo significativo as letras e as artes por meio da imprensa e de outras formas de publicação como livros e revistas, de ter participado de círculos culturais importantes, promovido eventos artísticos e realizado produções de vanguarda que ampliaram as discussões no terreno literário, ele não conseguiu posicionar-se de maneira sólida no meio intelectual paulista. A imprensa não foi suficiente para garantir a Ferraz e a Pagu um espaço importante na vida cultural de São Paulo, apesar de ter sido, no caso de Geraldo, a sua única plataforma, já que ele era desprovido de condições sociais e econômicas.

O exaustivo ritmo das redações e o tempo tomado por outros trabalhos na imprensa fizeram com que, em determinados momentos, Ferraz se afastasse dos acontecimentos culturais de São Paulo. Além disso, a sua mudança tanto para a cidade do Rio de Janeiro como para Santos, de onde não retornou, que ocorreu sobretudo por razões financeiras, significou também um deslocamento do epicentro da vida cultural. Uma outra coisa que pode ter dificultado a sua legitimidade foram os sentimentos de inferioridade causados pela orfandade e pelo autodidatismo.



Os percursos de Geraldo Ferraz e de Patrícia Galvão são reveladores de aspectos relevantes do campo cultural paulista. A trajetória do casal é marcada pelos obstáculos impostos para conquistar prestígio nos meios artísticos e literários de São Paulo e pelas soluções para tentar superá-los. Em ambos os casos, o jornalismo aparece como saída profissional e ao mesmo tempo como alavanca social. Além disso, tanto Ferraz como Pagu procuram afirmar-se no cenário da cidade por meio do trabalho intelectual e das afinidades com a vanguarda.

No âmbito cultural a pouca visibilidade de personagens e de suas produção estéticas é muitas vezes atribuída à importância menor de suas atividades e de suas interferências no meio. No entanto, renegar o trabalho e a atuação de artistas, literatos ou intelectuais em função da ausência de reconhecimento não é suficiente para determinar os seus méritos. A falta de repercussão de um indivíduo ou de sua obra além de estar ligada a uma imagem de fracasso dos mesmos, se deve também aos mecanismos de poder existentes no campo. Fora isso, os “conflitos” causados pelas dificuldades encontradas na busca de legitimidade promovem não só interessantes trajetórias de vida como também significativas manifestações culturais que circulam e fazem parte dos sistemas estabelecidos no universo artístico e literário, principalmente, dos centros urbanos em desenvolvimento. O Suplemento Literário do *Diário de S. Paulo* é expressão dessa dinâmica.



BIBLIOGRAFIA

- BOSI**, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1994.
- BOURDIEU**, Pierre. “O Mercado de bens Simbólicos” in: *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1999.
- BOURDIEU**, Pierre. *As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.
- BRITO**, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- CAMPOS**, Augusto de. *Pagu – vida e obra*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- CANDIDO**, Antônio. “A Revolução de 1930 e a Cultura” in: *A Educação pela Noite & Outros Ensaios*. São Paulo, Ática, 1987.
- CANDIDO**, Antônio. “Os Primeiros Baudelarianos” in: *Educação pela Noite & Outros Ensaios*. São Paulo, Ática, 1987.
- CANDIDO**, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1981.
- CANDIDO**, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Editora Nacional, 1980.
- CRUZ**, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo, EDUC, 2000.
- CRUZ**, Heloisa de Faria. *São Paulo em Revista*. São Paulo, Cedec – Arquivo do Estado, 1997.
- DUARTE**, Paulo. *História da imprensa em São Paulo*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1972.
- ELIAS**, Norbert. *Mozart: Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.
- FERRAZ**, Geraldo. *Depois de Tudo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- NEME**, Mário. *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre, Globo, 1945.
- NOBRE**, Freitas. *História da imprensa de São Paulo*. São Paulo, Edições Leia, 1950.
- SCHORSKE**, Carl. *Pensando com a História: Indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo, Cia das Letras, 2000.
- SCHORSKE**, Carl. *Viena fim de Siecle - Política e Cultura*. São Paulo, Cia das Letras, 1988.



WEINHARDT, Marilene. *Suplemento Literário d' O Estado de São Paulo 1956-1967: Subsídios para a história crítica literária do Brasil*. Dissertação de mestrado, São Paulo, USP, 1982.

WERNECK, Nelson Sodré. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

WILLIAMS, Raymond. “A Fração Bloomsbury” in: *Revista Plural*. São Paulo, USP, 1999.

WILLIAMS, Raymond. “Comunidades cognoscíveis” in: *O Campo e a Cidade*. São Paulo, Cia das Letras, 2000.

WILLIAMS, Raymond. “La política de la vanguardia” in *La política del Modernismo: Contra los nuevos conformistas*. Manantial, 1997.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

Fonte: Suplemento Literário do Diário de S. Paulo – amostra de 83 periódicos do total de 103 publicados.